

NESTE NÚMERO: A história de **VASQUES** - de novo, o
"MALHOA" do **FUTEBOL PORTUGUÊS**



**CRÓNICA**
Desportiva
N.º 39

5-JANEIRO-1958

Preço - 1\$50

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.

RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

MÁRIO DE AGUIAR apresenta

Todos os Domingos

CRÓNICA DESPORTIVA

N.º 39 — 5-1-1958

Director e Editor: VASCO SANTOS

Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefone: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA. — Distribuição da AGENCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.
(Anuário Comercial de Portugal)

TERRENO JOGÁVEL...

Esta foto, recen-
tamente premiada
numa exposição
fotográfica, tinha
a seguinte legen-
da:

«O boletim do
árbitro dizia: —
terreno jogável!»
Inspirado fotogra-
fo este!...

Legenda seme-
lhante podia apli-
car-se, porventu-
ra, a qual fotogra-
fia do «nebuloso
Portugal - Itália»,
em Milão. De
facto, o sr. Damia-
ni — o tal árbitro
«oriundo» — deve
ser da mesma ra-
ça ou ainda pior...



Esta semana fazem anos...



Isidoro

Destacamos quatro futebolistas entre os aniversariantes desta semana:

Em primeiro lugar, **João José Isidoro**, do Barreirense, que nasceu no Barreiro em 5 de Janeiro de 1928. Completa hoje, portanto, 30 anos. Joga desde os juniores (1945 - 46) no Barreirense.

Na terça-feira, faz anos (32), outro barreirense: **Aureliano da Silva Mota**. Desde 1943-44 que jogava na CUF do Barreiro (uma época em juniores) e esta

temporada surgiu na turma do Almada.

No sábado fazem anos. Ricardo do Vale e José da Costa.

Ricardo do Vale nasceu em Vila Franca de Xira, em 11 de Janeiro de 1923, pelo que completa 35 anos.

Desde 1940-41 que joga no Barreirense, seu clube de sempre.

José Francisco da Silva Costa é natural de Lisboa, onde nasceu em 11 de Janeiro de 1933.

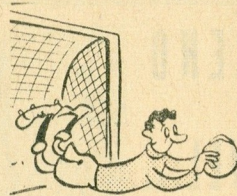
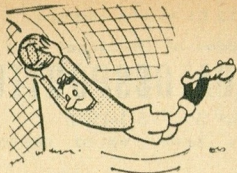
Desde 1950-51 que alinha no Torriense (duas épocas nos juniores). Festeja 25.ª aniversário.



Ricardo Vale



José Costa



SEM PALAVRAS



SABE QUE EQUIPA É ESTA?

É o Benfica claro. O fundo mostra o Estádio de Chamartin... Pergunta-se: Quando, contra quem e qual o adversário? E como alinhou o Benfica nessa tarde?! Respostas na página 15

Curiosidades desportivo-filatélicas

E eis-nos chegados a 1930, nesta digressão pela filatelia desportiva. Nesse ano emitiram-se duas séries com característica realmente desportivas.

Primeiro o de Cuba. Emissão de 15 de Março de 1930 — a primeira de sempre de índole desportiva, em Cuba, se exceptuarmos o selo de 1928, comemorando o voo de Lindberg sobre a América Central.

O selo cubano que reproduzimos é um dos cinco valores da emissão comemorativa dos «11 Jogos Desportivos Centro-americanos». Representam todos eles um corredor «barreirista».

A série completa está cotada em 4.000 liras (catálogo Sport Landmans), ou seja, alguma coisa como 200\$00. Os selos de 1 e 2 cent. (verde e rosa), custam 20\$00 cada. O de 5 cent. (azul) um pouco mais. O de 10 cent. (preto), 50\$00. E o de 20 cent. (violeta), 100\$00.

*

Os outros selos do mesmo ano (1 de Julho de 1930) são originários do pequeno principado Liechtenstein, e dedicados ao alpinismo. Os de 5 rp. (verde) é vulgaríssimo (50 liras, ou seja uns 2\$50). Mas o outro, de 1,50 fr. (violeta-escuro) está cotado em 1.500 liras. São, aliás, muito bonitos.





A Comissão de beneficência que no dia do 21.º aniversário do clube vestiu vinte e uma crianças e deu um bodo a 260 pobres do bairro. Da esquerda para a direita: José Jesus, Adoro Figueiredo, Manuel Machado, José Grilo, Júlio da Fonseca, André de Almeida, José Martins, José Baptista, Carlos Maurício e Carlos Santana

ROTEIRO DOS CLUBES POPULARES

O "milagre" do G. D. da Mouraria

Foi no dia 1 de Maio de 1934 que se fundou o Grupo Desportivo da Mouraria—nos dois primeiros anos designado por «leões da Mouraria». E ali, naquela estreita rua do Terreirinho, no n.º 80-1.º, desenvolveu-se um clube, que não obstante a modéstia dos seus recursos, é dos clubes populares um dos que mais vinda presença costuma marcar nas pugnas desportivas, quer pelo valor dos seus atletas, quer pelo tradicional entusiasmo e bairrismo da sua massa associativa.

Há poucos clubes como o «Mouraria»... Um tanto menos de meio milhão de sócios, a pagarem um escudo por semana—ou cinco tostões se fôr menor ou senhora!

Com tal facilidade de pagamentos, seria de esperar maior afluência de sócios—o que certamente se verificará quando forem

beneficiadas as instalações: Principalmente se o clube pudesse dispor de um ginásio dotado com os apetrechos necessários, e que tão útil seria no populoso bairro. Aliás, está em organização uma classe de ginástica, reservada aos filhos dos sócios, que certamente vai constituir um êxito para a simpática colectividade da Mouraria.

Que esta não se preocupe apenas com actividades desportivas. Tem em pleno funcionamento uma escola para educação de adultos de ambos os sexos, na rua do Capelão, 20-1.º (antiga sede), e que se orgulha de terem sido aprovados mil alunos seus.

Por seu lado, a secção de Beneficência distribui vestuário completo por tantas crianças quantos os anos que o clube comemora. Assim, no último aniversário fo-

ram 21 crianças contempladas e no próximo serão 22 (isto, independentemente da distribuição de donativos aos pobres mais necessitados).

Vejam agora a parte desportiva—que é das mais brilhantes de clubes congêneres:

FUTEBOL—Foi já campeão de Promoção (2.ª categoria) em 1939-40 e 40-41. Vencedor de série num campeonato de juniores, conquistou a taça Raul Vieira. Quanto a «Torneios populares», as quinhentas taças, aproximadamente, que já averbou são uma afirmação eloquente da sua superioridade. O «Mouraria» dedica-se também ao futebol de cinco.

ANDEBOL—Na modalidade de «Sete» foi o 4.º classificado dos campeonatos nacional e regional da I Divisão, e concorreu ao «regional» da I Divisão na modalidade de «onze».

ATLETISMO—É dos raríssimos clubes populares que praticam oficialmente o atletismo. Os bravos atletas do Mouraria classificaram-se, colectivamente, em 4.º lugar no último «regional».

PUGILISMO—É, de certo modo, a modalidade n.º 1 do clube, aquela em que pede meças a qualquer. Foi aqui que se forjaram muitos dos «profissionais» e campeões, como: Jaime Martins e Valente de Sousa (mínimos), Alfredo Vilas (mínimo levisimo), Mário Lima (levíssimo) Belarmino Fragoço (meio-leve e leve); Augusto Ferreira (Leves e meio-leves); José Manuel Vieira (meio-leve); Vítor Alves e Alves Clara (leves); Fernando Descamps e Orlando Ferreira (médios);

(Conclui na pág. 15)

Três excelentes representantes em pugilismo do G. D. Mouraria, com o seu treinador Albano Martins. Os pugilistas são, da esquerda para a direita, Jaime Martins, Belarmino Fragoço (actual campeão nacional de leves e meio-leves) e Augusto Ferreira («Taúta»).

A equipa de atletismo que concorreu aos últimos «campeonatos» regional e nacional.

A Direcção «milagreira» do G. D. Mouraria: (da esquerda para a direita): Adoro Figueiredo (secretário adjunto), Armando Simões (1.º vogal), Manuel Garcia (secretário geral), Albertino Casquilho (presidente), Júlio Rodrigues da Fonseca (vice-presidente) e André dos Santos Almeida (tesoureiro).





Quando os artistas se metem a praticar desporto...



Muitos foram os artistas que praticaram desporto. Eugénio Salvador, Tomás de Medecdo, José Camboa, Raul de Carvalho, foram dos que jogaram futebol em larga escala. Outros, porém, não como profissionais, mas como grandes entusiastas. têm o seu nome ligado ao desporto.

É o caso de Luís Piçarra que com o seu talento de tenor tem colaborado na campanha da construção do estádio da Luz e nas sessões da secção cultural. E na presente foto vêmo-lo envergando a camisola do Sport Lisboa e Benfica no jogo realizado em Março de 1953 entre artistas da Rádio e do Cinema.

Cifamos também o memorável festival realizado no Pavilhão dos Desportos a favor do novo Estádio do Benfica.

Nessa noite, os artistas voltaram a ter papel preponderante, tendo tomado parte em diferentes e animadas Competições desportivas, que o público acompanhou sempre com interesse... e compreensível benevolência!...

Como desfecho, encontraram-se frente a frente, na mais cômica partida de hóquei em patins de todos os tempos, os artistas da Rádio e do Teatro.

Os primeiros, saíram vencedores, destacando-se dos dois lados, Luís Piçarra, Raul Solnado, Camilo de Oliveira e Óscar Acúrcio.

O que o público não viu foi como decorreram os treinos dos «rapazes» da cena e da rádio. Veja-se a foto: Raul Solnado desforra-se cruelmente de uma «sticada» que lhe pregou Óscar Acúrcio. Tentou arrancar-lhe uma perna, esmagar-lhe o apêndice e cortar-lhe as goelas com o «stik». Em vão, Óscar Acúrcio reclamou dez penalidades seguidos para tão grande falta...

Dois grandes actores, não haja dúvida!



... E QUANDO SE DÁ A INVERSÃO ...



Quando se dá o inverso — isto é, os desportistas imitam os artistas — o êxito é clamoroso, as manifestações exuberantes, como é próprio de gente moça.

Há tempos, num festival benfiquista no Estádio da Luz, Costa Pereira até foi levado em ombros! Com vestimenta de gaúcho, cantou um samba brasileiro, acompanhado à guitarra pelos conhecidos artistas irmãos Guarás, que, de verdade, mereceu calorosos e justos aplausos.

FACETA DUM HISTORIAL RICO DE EMOÇÃO

A INFLUÊNCIA DOS JOGOS Sporting-Belenenses na luta pelo título de campeão nacional de futebol



Uma intervenção do antigo guarda-redes belenenses F. Sousa, que apresenta a particularidade de usar o emblema no calção...

Apreciemos hoje os resultados dos jogos Sporting-Belenenses sob um prisma original: a influência que tiveram na luta para o título, isto é, se a contagem dos pontos foi ou não decisiva, em qualquer altura do campeonato, a que o campeão ficasse a dever a sua vitória. Restringiremos a análise aos jogos realizados no campo do Sporting — ou seja aquele que será hoje teatro de mais um prémio emocionante — e somente desde que se disputou o campeonato da I Divisão.

1938-39

O Sporting ganhou por 2-0, e, portanto, se não ganhou o campeonato (foi o Porto o campeão) não foi por causa disso. Tão-pouco, o Belenenses, que ficou a 10 pontos do 1.º lugar.

1939-40

Caso semelhante ao anterior. Os «leões» venceram os «azuis» por 4-1.

1940-41

O Sporting foi campeão com 3 pontos de avanço sobre o 2.º, portanto não influiu o resultado de 3-1, a seu favor.

1941-42

O Benfica foi campeão com 4 pontos de avanço. Também sem influência a derrota dos «leões» por 4-1.

1942-43

Primeiro resultado influente: o Sport-

ing venceu o Belenenses por 2-1 e a dar-se o resultado inverso, o Belenenses seria campeão, pois igualaria a pontuação do Benfica, com vantagem no «goal-average». Assim a classificação foi: 1.º Benfica, 30 p.; 2.º Sporting, 29; 3.º Belenenses, 28.

1943-44

Campeão: Sporting, com 5 pontos sobre o 2.º. Resultado com o Belenenses: V. 6-1.

1944-45

Campeão: Benfica, com 3 pontos de avanço sobre o Sporting, o qual venceu os «azuis» por 2-1.

1945-46

Campeão: Belenenses, com um ponto de avanço sobre o Benfica — ponto conquistado, por exemplo, no Lumiar (1-1)! E se não fora este empate, isto é, se o Belenenses tivesse perdido, o título teria ido para o Benfica.

1946-47

Campeão: (Sporting, com 6 pontos à maior). Resultado com o Belenenses: V. 3-0.

1947-48

Sporting (campeão) e Benfica chegaram ao fim empatados, para o que contribuiu pois o ponto conquistado ao Belenenses (4-4 foi o resultado desse jogo).

1948-49

Campeão: Sporting, com 5 pontos à maior. Resultado com os «azuis»: V. 5-1.



EM CIMA: Duas fotos em que se evidencia Soares

1949-50

Campeão: Benfica, com mais 6 pontos. Sporting-Belenenses, 0-1.

1950-51

Campeão: Sporting, com 11 pontos à maior (recorde!). Sporting-Belenenses,

1951-52

Caso curioso: o Sporting foi campeão com um ponto à maior e empatou de facto com o Belenenses (1-1). Mas mesmo que tivesse perdido, o clube «leoniño» manteria o título graças à superioridade do «goal-average» sobre o 2.º (Benfica), com o qual ganhou e perdeu pela mesma diferença (3-2). O resultado do Sporting-Belenenses só teria influência na conquista do título se os «azuis» ganhassem por 10-0 ou equivalente!...

À ESQUERDA: Eis como Rui Araújo evita que o seu colega Azevedo faça uma defesa. Quaresma estacou surpreendendo...



1952-53

Campeão: Sporting, com 4 pontos de avanço. Resultado com o Belenenses: 1-1.

1953-54

Campeão: Sporting, com 7 pontos. Contra o Belenenses: 4-0.

1954-55

Este foi o ano em que a influência do jogo entre «azuis»-«leões» mais flagrante foi, mas nas Salésias, pois disputou-se na derradeira jornada e o empate deu o título ao Benfica, graças à vantagem do «goal-average». Que em Alvalade, o Belenenses triunfou por 2-1...

1955-56

Campeão: Porto — e o resultado do Sporting-Belenenses (1-0) não teve influência.

1956-57

Campeão: Benfica — e o mesmo se dirá do Sporting-Belenenses (2-2).



Vasques foi a figura n.º 1 do Belenenses-Sporting da 1.ª volta. Carlos Silva surge aqui abaixo das pernas do grande interior «leonino», dando a ideia de quanto foi movimentado esse jogo. O que se dará hoje?!

◀ Mais recentemente, Perez e Juca travam rijo duelo (no estádio nacional, devido às obras de Alvalade

Verifica-se, pois, que somente por quatro vezes o Sporting-Belenenses influiu na atribuição do título — influência de ordem numérica, pois que deve tomar-se também em conta a influência de ordem psicológica que terão tido a maioria dos encontros entre os dois velhos rivais...

NA CONTRA-CAPA:

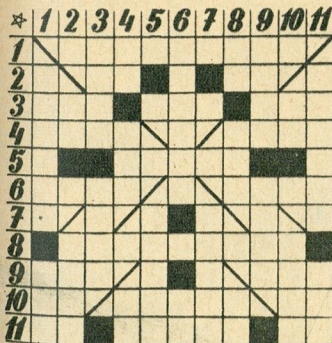
O salto de Martins foi mais preciso do que o de Dimas. Os jogos Sporting-Belenenses caracterizam-se pelo espectáculo que proporcionam.

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS — 1. Antigo internacional de futebol. 2. Olhei; distar. 3. Bago; astro; governanta. 4. Jogador do Salgueiros; planos laterais do avião. 5. Jogador do Caldas. 6. Jogador do Estoril; capaz. 8. Antigo internacional do Belenenses. 9. Utensílios; anel. 10. Símbolo químico do alumínio; jogador do Belenenses; viração. 11. Acusada; motivo; nota musical.

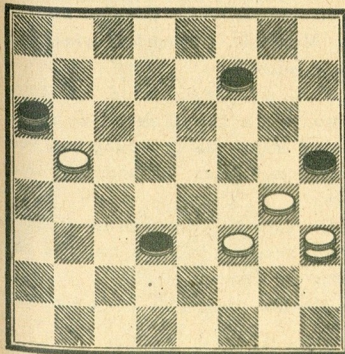
*

VERTICAIS — 1. Jogador do Sporting; semelhante. 2. Caminhe; jogador do Lusitano de Évora. 3. Curva fechada e alongada e particularmente simétrica, como a elipse. 4. Nome de mulher. 5. Nome de uma letra grega; ovário dos peixes; seiscentos. 6. Apellido de um jornalista e relator desportivo. 7. Contrato mútuo entre duas pessoas que afirmam coisas diferentes; nulo. 8. Opulentas. 9. Observei; renque; «reserva» do Sporting. 10. Épocas; Jogador do Oriental. 11. Nociva; verbal. Jogador do Benfica; agora.



DAMAS

O. A. LOPES
Lisboa)

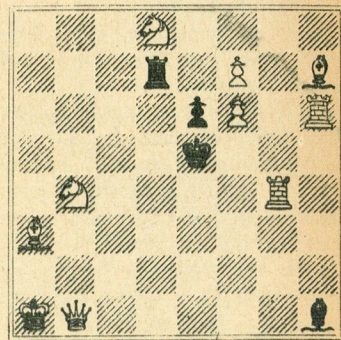


Mate em 8 lances

XADREZ

H. L. MUSANTE
(Argentina)

2.º pr. B. C. F. — 1949



Mate em dois lances

As pérolas negras do futebol francês



Como em Portugal, o futebol francês descobriu novo filão para as suas necessidades.

No princípio da implantação do profissionalismo, os clubes franceses deitaram as suas vistas para a Europa Central e as maiores «vetetas» húngaras, checas e austríacas passaram-se, com armas e bagagens, para França.

Mais tarde, Marrocos, Tunísia e a Argélia passaram a fornecer aos clubes

da Metrópole as grandes estrelas do «association».

Veio o após-guerra (e até antes disso...) e a França, depois de acabar com a importação de estrangeiros, voltou-se mais para o continente africano.

Os últimos acontecimentos, no entanto, pesaram, uma vez mais, na balança do Desporto,

Até que começaram a aparecer nos

NA FOTO DESTA PÁGINA: O ataque do «Sete»: Anoh, Prudent, Yapi, Akonafé e Zokua.



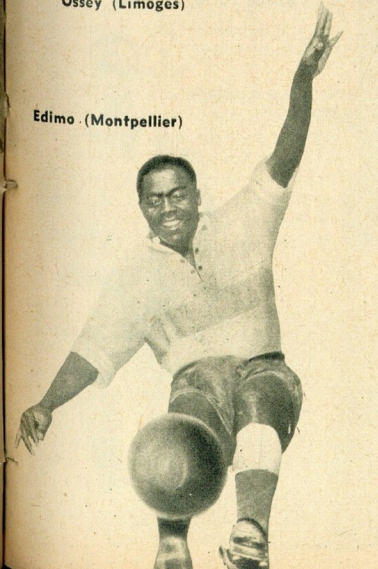
Ossey (Limoges)



Wognin (Angers)



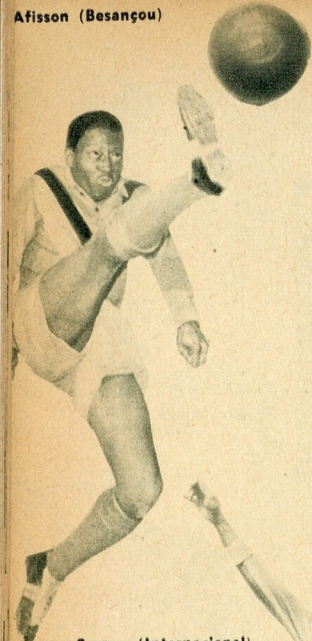
Topka (Alés).



Edimo (Montpellier)



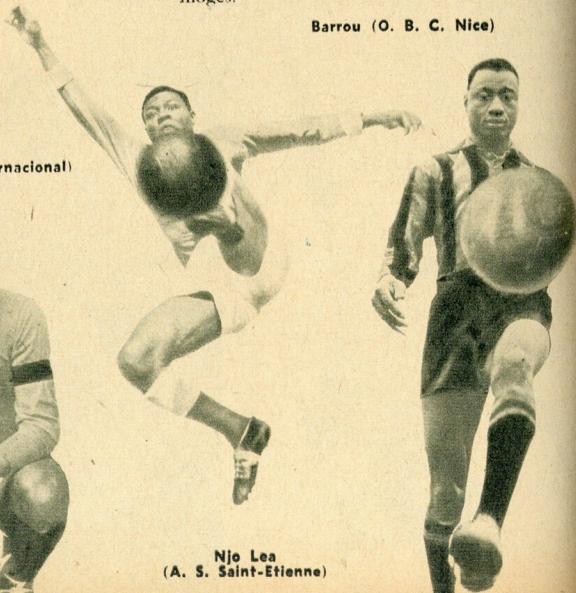
Dikabo (Nantes)



Cossou (Internacional)



Njo Lea
(A. S. Saint-Etienne)



Barrou (O. B. C. Nice)

clubes da primeira e segunda divisões uma série de negros, vindos da África Ocidental e Equatorial Francesa.

Foi uma descoberta surpreendente, porque esses jogadores, de intuição e imaginação prodigiosas, de reflexos rápidos e de apurada técnica, são elementos de extraordinário valor e trouxeram ao futebol gaulês algo de novidade.

Hoje, pululam pelos Estádios de França, os N'Jo Lea, Afissou, Topka, Edimo, Barrou, Dikabo, Nognin, Wadé, Mendengue, Galali, Bamana, e ainda todo o ataque do F. C. Sète, constituído por Anoh, Prudent, Yapi, Akouaté e Zokua, bem como o maravilhoso Ossey e o seu colega Hetchi, de Limoges.

Os negros são, actualmente, os grandes senhores do futebol francês, das suas mais valiosas pérolas.

Bamana



G. D. Mouraria

(conclusão)

Afonso Gonçalves (meio médio) e José Matos Teodósio (meio pesado).

Além disso, o «Mouraria» foi já campeão de iniciados em 1948, 1949, 1951, 1954 e 1957. Campeão regional em 1949, 1951, 1952, 1953 e 1955. Vencedor de dois campeonatos inter-bairros (1953 e 1954) e do Torneio de Outono (1957).

Com tão fracas receitas, é quase um milagre a obra do popular «Desportivo da Mouraria». Não merecerá um pouquinho mais de atenção dos organismos oficiais? Não merece, ao menos, um verdadeiro ginásio, onde possa desenvolver obras ainda maior da que tem levado, a cabo? Parece-nos bem que sim!

Soluções dos passatempos deste número

DAMAS — 10-14, 24-15; 14-19, 15-22; 13-18 e 9-7 g. * XADREZ — Cd5.

PALAVRAS CRUZADAS — Horizontais: 1 — Gonçalves. 2 — Vi; ir. 3 — Uva; sol; ama. 4 — Lalo; asas. 5 — Vital. 6 — Uria; apto. 7 — Feliciano. 9 — Pas; aro. 10 — Al; Dimas; ar. 11 — Ré; causa; la. Verticais: 1 — Julius; par. 2 — Va; Falé. 3 — Oval; Inês. 4 — Ni; ova; DC. 5 — Cilia. 6 — Aposta; um. 7 — Ricas. 8 — Vi; ala; Sá. 9 — Eras; Pina. 10 — Má; oral. 11 — Bastos; ora.

FOTO-ENIGMA — Taça Latina de 1957, contra o Saint-Etienne, vitória por 1-0 do Benfica, que alinhou: C. Pereira; Calado e Angelo; Zézinho, Serra e Alfredo; Palmeiro, Coluna, Águas, Salvador e Cavem (na final jogou Bastos), daí a desrriça...



Vladimir Kutz levado em triunfo, depois de bater o «record» mundial dos 5.000 metros.

Die K

Gabriel Hald lüftet das Gesicht
Läuferphänomen, den »Menschen ohne Schwermätze«



Italien feiert Kutz
In einem Meer von Sympathie schwamm die russische Langstreckenblumen Wladimir Kutz nach seinem Weltrekord über 5000 m, den er mit 13:35,0 im Olympiastadion von Rom aufstellte (Kopfbild).

Das bitterste Unrecht, das man diesem jungen, vollen geballter Energie und Kraft zuzählen könnte, wäre — ihn einen Roboter zu nennen.
Auch in dem kleinen, gedrungenen Körper des Wladimir „Wolodja“ Piotrowitsch Kutz, Sohn einer ukrainischen Goldarbeiterfamilie, schlägt ein Herz, das von den kleinen und großen Sorgen des Alltags hin und her geserrt wurde. Wolodjas Jugend war erbarmerungslos hart. Die Paris des Krieges brachte über sein Heimatdorf Alexeev (Schumskaja), als er gerade 14 Jahre alt war, Flucht, Hunger, Grassorgen, bis er eine Tränenaderkrantheit, die die Bliese füllt und dort seine ersten tödlichen Fühlungen unter Bewußtsein ins Konto.

Das besetzte 1944 die Journalistin Irina Kowa aus Schymansk, zusammen mit Josef Stiel, Raka, eine unheimlich schnelle Lebens- und zielbewußtste Frau, hatte die fünfjährige Studentin Kutz in Moskau besucht. Ihr erste Frage, die sie von der Redaktionsleiterin Kowa zu Moskwa brachte, lautete: „Ist es nicht ein wenig merkwürdig, daß Sie, eine russische Sportlerin, sich für ein solches Gewerbe interessiert?“
Kowa, und so sollte Kutz, hochbegabter Europameister und Weltrekordhalter über 5000 m, ihr „Opfer“ werden — im Alter von 10, 12 Tage warten, aber ich von den amerikanischen Wladimir auch nur ein solches sportliches Ambitione nicht...

HEUTE:
Wladimir Kutz
(Rußland)
5000 m in 13:35,0

← **180 m**

Drei Phänomene ihrer Zeit: Wladimir Kutz 1957, Gunder Hägg 1941 und Paavo Nurmi 1927. Drei in ihrer Klasse einmache Langstreckenläufer unter den weltbesten Zeitgenossen, drei Männer, die jahrelang die Spalten des Weltpreises des Sports füllten mit grandiosen Leistungen, mit Skandalen und Legenden. Aber die Zeit eilt schneller als sie selbst. Wenn sie in die Welt ihrer Kraft — ein zeitvoller Anachronismus — heute gepresentiert antreten würden, würde der Reuse der Schweden 180 Meter und zwei Finnen, den man einst den größten Langstreckenläufer aller Zeiten nannte, und zur betriebe sagenhaftigen Figur werden lieh, mehr als 300 Meter, und eine volle Stadionrunde hinter sich lassen. Ermutigt sie dieser Aussage, den Leistungszuwachs nicht, ausrechennd, in welcher Zeit man 1972 die

TZ o melhor atleta do ano



Kutz, na intimidade do seu novo lar. Como «Crônica Desportiva» referiu, há algum tempo, Kutz enamorou-se de uma gentil jornalista que pretendia entrevistá-lo e já casaram.



den ich in und den großen Rennern Körperlich und seelisch eine Anlehnung, doch erhalte ich mich sehr schnell“.
Bei Kutz ist vieles redt bemerkenswert. Er trainiert hienemgen so sehr wie Emil Zatopek und schließt sogar Ruhepausen ein. Er locknagt den „Rundenkeller“, indem er oft im Wald und im Park (insamit viele Hügel) und ist überdies der Meinung, daß das frische Grün der Bäume und des Rasens die Nerven stärkt. Im übrigen schenkt er auf den weiten, federnden Boden Genesung, Sehnen und Knochen, und es ist daher auch nicht verwunderlich, daß dieser selbststarke Athlet so gut wie gar nicht über Verletzungen zu klagen hatte. Er startet im Gegensatz zu anderen berühmten Russen relativ wenig und bewahrt sich damit seine Private. Trotz aller menschlichen Propositen ist bei ihm fast jährlingh ein mehrmalig und wahrscheinlich erst in den Jahren 1958-1960 seinen Leistungsreicht erreichte.
Er befaßt sich je erst als 25jähriger (1) erstallt mit dem Hochleistungsport. In seinem Alter, da sich ein großer Teil der

Leistung Zolopk aus den Bergen zu nehmen. Gottes der Devote. Statistisch drückend. Tempo, nochmals Tempo, später wird schon der Luffen Kopf höher. Er hat nicht — und Emil holte den 60 Meter-Vorprung das letzten Bogen in einer sportlichen Schlußrunde auf. Kutz, dessen Name damals in den vorverdienten Verlassen zu lassen war (Kut, Kutz, Kutz, Kutz), so keine Lehren aus dem Dokalet Der Leistungs-„Mentore“ vernehme ein wenig später, mit der gleichen Taktik dem produktiven Uigard Kovacs zu entleien. Wieder war er auf den letzten 1000 m völlig ausgegogen und Vortreiber. Mit einem ähnlichen Schauspiel brachten Kutz Götter und der Reuse Europameistererleben in Rom. Aber die Weltrekordliste. Seine Knie würden nicht weich, und er würde Europameister, Weltrekordhüter. Seit diesen Tage hat man den merkwürdigen Respekt vor diesem „Ableitungen“, und recht bald verlor sich auch die groteske Behauptung, Fremde Zolopk habe damals behauptet das Tempo gedrückt, um den Russen Rote Bote gegenüber dem sprunghaftigen Briten Chastaway, daß Emitt über 5000 m aberestem Alter, da sich ein großer Teil der

VOR 15 JAHREN:
Gunder Hägg
(Schweden)
5000 m in 13:58,2

← **180 m**

VOR 30 JAHREN:
Paavo Nurmi
(Finnland)
5000 m in 14:28,2

Ein Klavier, ein großes Radio und ein modernes Friseurgeschäft sind die Meisten seiner Dinge — und natürlich sein eigenes Auto. Das große Plus des Russen ist er mit dem

»Weltklasse schön auf absteigendem Abte...
Das große Plus des Russen ist er mit dem...
ersten Male voll an, und in ihr verbirgt...
Pire, Chastaway, skilte... Die zweiten...
Sports sind furchbar... Der britische...
lektionen... Der russische...
Trainingsort freiwillig auf sich zu neh...

Bob Gutowsky

o segundo melhor atleta do ano por ter derrubado o recorde mundial da vara de há 15 anos

Foi classificado em segundo lugar no inquérito de que Kutz saiu vencedor, o atleta americano, Bob Gutowski, de ascendência polaca, que derrubou o velho recorde do salto à vara, pertença de Cornelius Warmerdam, desde 1942, com 4,77 m.

Bob cometeu a notável proeza de saltar 4,82 m. — ou seja, como mostra a imagem, a altura de um primeiro andar!

Bob Gutowski, que nasceu em S. Pedro, perto de Los Angeles, em 25 de Abril de 1935, mede 1,82 m. e pesa 62 quilos.

A progressão das suas marcas tem sido apreciável: em 1949 (com 14 anos): 2,29 m.; 1950 (15): 3,05 m.; 1951 (16): 3,47 m.; 1952 (17): 3,58 m.; 1953 (18): 3,75; 1954 (19): 4 m.; 1955 (20): 4,43 m.; 1956 (21): 4,70 m.; 1957 (22): 4,82 m.

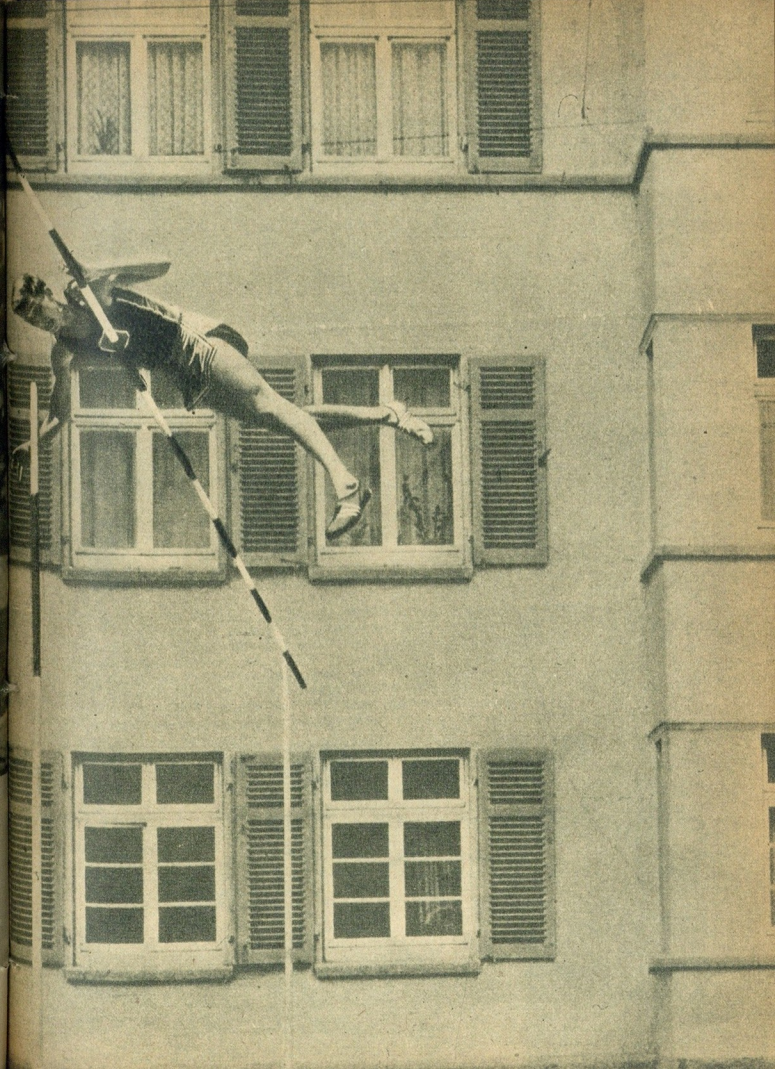
De ano para ano, Bob conseguiu os seguintes progressos:

Aos 15 anos, 76 cm.; 16, 42 cm.; 17, 18 cm.; 18, 17 cm.; 19, 25 cm.; 20, 43 cm.; 21, 27 cm.; e 22, 12 cm..

Claro está, que estas oscilações devem-se, não só ao aperfeiçoamento técnico, como ao desenvolvimento físico, que dos 14 aos 22 anos é importante. No entanto, é curioso verificar o pulo do primeiro ano equivalente aos dois seguintes juntos, e dos 19 para os 20 anos, também equivalente à soma dos dois anos anteriores.

A melhoria aos vinte anos — ou seja, quando Bob ultrapassou nitidamente os 4 metros certos, logrado aos 19 anos — lança-o decisivamente no firmamento das grandes estrelas do atletismo. De então para cá, o acréscimo foi menor, como é natural, dado que paira já em regiões de causar vertigens aos menos versados...

Um pormenor curioso: Bob seria recordista em Portugal... já quando contava 16 anos!...



Manuel Fangio

campeão mundial de automobilismo pela 5.^a vez — e 3.^o atleta do ano

Foi num conjunto de provas disputadas na Europa e nas Américas, que contavam para o Campeonato Mundial de Condutores (grandes Prêmios da Argentina, Mônaco, Inglaterra, França, Alemanha, Pescara e Monza (Itália) e as 500 milhas de Indianopolis) cuja classificação foi feita à base de pontos — que o «ás» argentino Manuel Fangio, em «Maserati», conquistou pela quinta vez o título de Campeão do Mundo.

A primeira vitória de Manuel Fangio no Campeonato Mundial de Condutores, foi alcançada em 1951, tripulando um «Alfa Romeo».

Em 1954 Fangio voltou a triunfar, posição que defendeu brilhantemente em 1955, 1956 e 1957. Os carros utilizados pelo campeão foram em 54-55 «Mercedes Benz» e 1956 «Ferrari».

O argentino para o título de 1957 triunfou nos Grandes Prêmios da Argentina, Mônaco, França, Alemanha; foi segundo em Pescara e Monza e desistiu por avaria mecânica em Antree (Inglaterra) e Indianopolis (E. U. A.).

Ainda que a maioria dos volantes que se têm candidatado ao cobiçado título, sejam os melhores que presentemente concorrem a provas automobilísticas internacionais, não se vislumbra, por enquanto, quem possa derrotar o grande «ás» argentino, porque apesar dos seus quarenta e seis anos Fangio dá-nos a impressão que cada vez se está a tornar mais audaz, pronto a ultrapassar as médias impostas pelos seus adversários.

Mas não se suponha que Juan Manuel Fangio é um «louco» ao volante; antes pelo contrário: guia com o verdadeiro sentido das responsabilidades e prudência.

Ao apreciar as qualidades do Campeão do Mundo, o seu admirador e amigo, o «volante» inglês Petter Collins, diz o seguinte: «Para se conduzir é preciso uma qualidade primária: o instinto. Realmente não posso explicá-lo, mas apresento dois exemplos do que considero instinto, por aquele que o tem verdadeiramente apurado, pelo maior condutor do Mundo: Manuel Fangio. Um, foi naquele trágico dia de 1955 quando em Le Mans Pierre Lervég, morreu carbonizado, por o seu Mercedes ter explodido. Fangio conduziu com tal mestria através dos destroços como se estivesse numa sala de baile e ganhou a corrida com todo o mérito; outro, foi no Grande Prémio de Mônaco deste ano quando o meu Ferrari e o de Mike Hawthorn se espatifaram numa curva contra a trazeira do Vanwall de Stirling Moss. Manuel Fangio, apesar de trazer um escasso segundo de atraso guiou com segurança por entre os destroços dos carros estampados como só ele podia fazer.»

O Campeão do Mundo (à direita) na companhia do seu amigo Petter Collins, após a sua vitória no Circuito de Siracusa (Itália).



AUTOMOBILISMO EM PISTA

o mais perigoso desporto do mundo

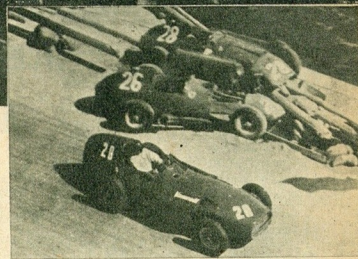


O automobilismo é seguramente o desporto mais perigoso, contando-se por muitas centenas as pessoas que tem vitimado entre praticantes e espectadores.

Os acidentes surgem quando menos se espera — traçoeiros, ceifando vítimas, não se podendo em boa verdade, culpar a imperícia ou a maldade dos condutores.

Veja-se como antes da corrida de Mônaco, Mike Hawthorn e Stirling Moss (este ao volante do seu Vanwall), conversam amigavelmente.

Tempo depois chocavam em plena pista, tendo muita sorte em a Morte não ter marcado encontro com eles nesse momento...



Depois do seu triunfo no Grande Prémio da França a esposa de Manuel Fangio foi a primeira a felicitá-lo.

Nestas alturas não há tempo para reflectir. É o instinto que nos guia...



Joaquim Filipe Nogueira — o nosso «ás do volante» da actualidade, num grande Prémio de Portugal, tem à sua direita, Stirling Moss, actual subcampeão Mundial de automobilismo, e à esquerda D. Fernando de Mascarenhas. Este pereceu já, em Espanha, num treino para uma corrida. O outro continua a desafiá-la. Morte por esse mundo fora...

A história de VASQUES

- ★ A CARREIRA NA CUF
- ★ TRANSFERÊNCIA PARA O SPORTING
- ★ O DESINTERESSE E INTERESSE DO BENFICA
- ★ O «MALHOA» DO FUTEBOL PORTUGUÊS

Graças ao segundo golo marcado por Vasques nos últimos momentos do campeonato de 1953, no Barreiro, o Sporting ganhou o título. Vasques foi levado em triunfo. Outra foto pode admirar-se o estilo do interior-direito do Sporting a «puxar» a bola para fora do alcance do adversário, estando este já descontrolado como indica a sua crítica posição...



Nem SAWITZKI «meteu água» nem houve «penalty»...

Há vinte anos que a Alemanha não vencida a Suécia. A recente vitória, por 1-0, não contentou, porém, os germânicos. Esperava-se que o guarda-redes alemão, Sawitzki «metesse água», mas ele só depois do jogo tomou banho, como mostra a imagem acima...

Os capitães da Alemanha e da Suécia (Schäfer e Gunnar Gren) cumprimentam-se. Talvez voltem a encontrar-se em Estocolmo — no campeonato do Mundo...

Muito expressivo é o outro documento fotográfico. Os suecos reclamam «mão» do defesa central alemão, mas o árbitro não atendeu...





Tavares da Silva, com o sentido de originalidade que transmite cunho inconfundível às suas crônicas, crismou Manuel Vasques com vários epítetos, desde «Malhoa» a «Calgo de raça». Traduzem estas designações o alto apreço em que é tido o interior direito do Sporting no «estrelato» do futebol português. Poucos, como Vasques, conseguem transmitir ao crítico ou ao simples espectador a sensação de arte perante as suas jogadas, caracterizadas por magnífica técnica e inspirada concepção, que quantas vezes levam o selo, tão apreciado, do... golo!

Sim, é essa conjugação de jogador cerebral e concretizador que eleva Manuel Vasques a plano saliente, entre nós, muito raramente igualado e nunca excedido.

Vasques tem agora 31 anos — e continua em lugar proeminente, candidato n.º 1 ao título dos «Reis dos marcadores» de 1957-58!

E porque lesão imperitente o afastou dos campos de futebol e desceu o rendimento de «Vadinho», veio ao mais uma vez ao de cima, outra faceta valiosa da

Quem reconhece, nesta equipa de garotos, o Manuel Vasques? É o quinto, de pé, a contar da esquerda! Na extrema direita vê-se o instrutor dos miúdos, o antigo jogador do Olanhense, Gralho.

Vasques ganha a eliminação dos 80 metros.

No regimento de engenharia, em treino na Pontinha, Vasques é o que está ao telefone.

classe de Vasques: é um futebolista que joga e faz jogar!

Um jogador fora de série, em suma.

Pois é a história deste futebolista de eleição, contada por ele próprio, que *Crónica Desportiva* apresenta aos seus leitores.

O PRIMEIRO PRÊMIO DE VASQUES: UM REBUÇADO...

— Nasci no Barreiro, em 29 de julho de 1926. A minha infância decorreu igual à de muitos garotos barreirenses do meu tempo: entre o lar, escola... e o largo do Coreto.

— Porquê, o largo do Coreto? — estranhámos.

— Porque era ali que a garotada se reunia para jogar a bola — a clássica bola trapeira...

— Recorda-se de algum camarada dessas brincadeiras, que tivesse chegado a jogar também na I Divisão?

— O Aureliano, que jogou na Cuf e no Almada. Fazia parte da equipa de miúdos da Cuf do Barreiro, orientadas por Raul Jorge e Gralho — elucidou-nos.

— Equipas de miúdos?

— Sim. Raul Jorge, antigo internacional do Barreirenses organizava equipas de garotos, de oito, dez, doze anos, a quem ensinava as «primeiras letras» do futebol.

E prosseguiu:

— No campo da Cuf, consegui arranjar uma porção de terreno para nós jogarmos, dotado com balizas mais ao nosso tamanho. Porque o nosso campo não dava para mais os jogos eram disputados por sete contra sete. Sorriu, ao recordar:

— O prémio que nos dava era... rebuçados. Comprava uma porção e distribuía pela rapaziada...

PRIMEIRA «LESÃO»...

— Era uma «cegueira». Uma vez, num choque com outro rapaz, cai e parti o braço esquerdo. Tive de andar com aparelho de gesso, mas nem assim perdi o gosto pela bola...

— E ainda bem... para o Sporting! — comentámos.

— Doutra vez, a minha equipa

«ferrou» 22-0 à adversária. Até perdi o conto dos golos que marquei... e todos nós perdemos as aulas desse dia...

Continuou:

— Por causa dessas e doutras mais, é que cedo abandonei os estudos. Ainda frequentei, à noite, a «Escola Industrial», mas acabei por desistir. Ingressei então, com 14 anos, na Cuf, como aprendiz de carpinteiro de moldes.

— E quanto ao futebol?

— Meu pai não gostava que eu jogasse à bola. Foi com alguma dificuldade que consegui autorização para jogar nos «infantis» da Cuf, e mais tarde nos juniores.

Em Itália, quando a selecção portuguesa foi a Génova. Reconhecem-se: Vasques, Félix, Barrigana, Serafim, Virgílio, Canário, Feliciano e Joaquim.





Os «violinos...» à paisana: Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travaços e Albano.

Na inauguração da «Cofril». Discursa o falecido presidente do Sporting, dr. Ribeiro Ferreira, tendo ao lado esquerdo o pai de Vasques (também já falecido).



No prolongamento do jogo contra o «Milão», na Estádio Nacional.

AS «ESTREIAS» DE VASQUES NOS JUNIORES E NA 1.ª CATEGORIA DA CUF DO BARREIRO

Manuel Vasques recordou depois as suas estreias nos juniores e na 1.ª categoria da Cuf.

— Nos juniores, fiz o primeiro jogo no Barreiro, contra o Montijo. Não me lembro de pormenores. Sei apenas que joguei a primeiro jogo no Barreiro, contra o Montijo. Não me lembro de pormenores. Sei apenas que joguei a interior esquerdo, que era o meu antigo lugar, e que Raul Jorge era o meu treinador.

— E na 1.ª categoria.

— Foi num jogo particular, em Sintra, que vencemos por 4-1, salvo erro.

— Também praticou atletismo — lembrámos.

— Sim e cheguei a fazer um tempo razoável nos 80 metros (7,1 s), mas de pressa desisti, pois não tinha tempo nem condições para treinar com a regularidade precisa para fazer carreira.

— A «bola» é que lhe interessava mais...

— Sim, para isso arranjava sempre tempo e disposição. E deixe dizer-lhe que era cumpridor no emprego, porquanto a Cuf dava-nos facilidades para nos treinarmos.

VASQUES NO BENFICA

Chegara a altura de falar da transferência para o Sporting — e dos acontecimentos que a precederam:



— Antes do Sporting, interessaram-se por mim o Benfica e o Atlético. Fiz vários treinos no Campo Grande e na Tapadinha.

— Não nos diga que não agradou!...

— Agradar, não digo que não. Severiano Correia, que nessa altura treinava o Atlético, insistiu comigo para ir à sede regularizar a situação, o que nunca fiz...

— E o Benfica?

— Biri era o treinador e disse-me que eu interessava. O sr. Bogalho, que nessa altura era director da secção de futebol, chegou, uma noite a ir a minha casa, para assinar a ficha, mas nessa não fui eu...

— Porquê?

— O meu tio Soeiro (o antigo «internacional» Manuel Soeiro) recomendou-me sempre que nunca assinasse documentos de futebol sem falar com ele.

E adiantou:

— A ideia dele era levar-me para o Sporting. Aliás, era o clube que eu pretendia (e onde me habituei, desde pequeno, a vê-lo jogar), mas só desejava apresentar-me depois das minhas qualidades serem mais conhecidas. Era mais seguro...

Vasques passa por cima das pernas de dois adversários, sem perder o controle do esférico!

EM CIMA:

Num estágio da selecção nacional: Martins, C. Vieira, Barrigana, Juca, Carvalho, Vasques, Passos e o professor Monis Pereira.



EM BAIXO:

Em luta com Sebastião, guarda-redes do Estoril.



VASQUE FIGOU NO SPORTING POR METADE DA CIFRA QUE LHE OFERECIA O BENFICA

— Recorda-se dos treinos do Benfica?

— Vagamente. Lembro-me que uma vez formei «asa» com Mário Rui e também com Arsénio.

— Quanto lhe oferecia o Benfica para você ingressar naquele clube?

— 35 contos e continuava na Cuf ou arranjavam-me emprego num Banco.

— Pouco — se bem que isso fosse há doze anos... — observámos.

Vasques encolheu os ombros e comentou:

— Eu era um novato da 11 Divisão. Aliás, o meu prémio de transferência para o Sporting foi... de 18 contos!

— Como se passaram as coisas?

— Depois da visita do sr. Bogalho, o meu tio Soeiro participou ao Sporting o que se passava a meu respeito e o desejo que tinha de ingressar no seu clube. O sr. José Manuel Martins (outro antigo «internacional» e ao tempo director do Sporting) interessou-se pelo meu caso.

ESCONDIDO EM SANTA CRUZ

Prosseguindo, Vasques contou: — Para pôr termo às insistências doutros clubes, levou-me no seu carro à Praia de Santa Cruz, onde fiquei hospedado numa pensão.

— E então...
— No Benfica soube-se onde

estava e apareceu-me um rapaz amigo e dizer-me que lhe haviam prometido 5 contos se conseguisse convencer-me a ir a Lisboa falar com determinados directores benfiquistas. É claro que recusei, ainda que lamentasse não poder ser-lhe prestável, mas não queria arriscar-me a comprometer o meu futuro com essa fugida.

— E como acabou esse estágio em Santa Cruz?

— Um dia, levaram-me a um treino do Sporting, a que assistiu Cândido de Oliveira. Sai do campo direitinho à sede do clube, na Rua Alves Correia. Ali assinei logo o meu pedido de transferência. Houve acordo com a Cuf e não tardou que me tornasse jogador do Sporting.

A «COFRIL»

— E quanto ao emprego?

— Continuei na Cuf durante mais dois anos. Mas com as faltas constantes ao serviço, por causa dos treinos, deram-me a escolher entre o emprego e a bola.

— Escolheu o futebol...

— Sim. Expus a situação ao sr. dr. Ribeiro Ferreira, que me disse para abandonar a Cuf, sem receio, pois me arranjaría colocação melhor.

— A «Cofril»?

— Sim, veio a ser a «Cofril». Constituímos a sociedade — ele, Travaços e eu. Depois do falecimento deste saudoso amigo, eu e Travaços ficámos sendo os únicos associados, depois de comprarmos a outra parte.

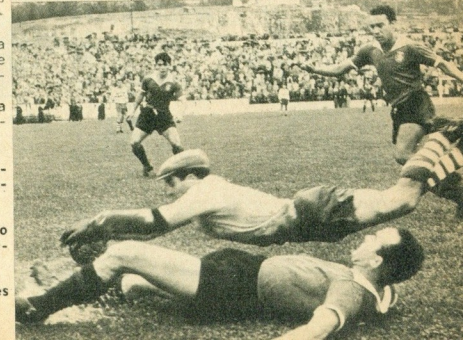
— Diga-nos, Vasques: nunca vos aconteceu, na vossa vida de negociante algo de curioso ligado ao futebol?

— Já, mas sem graça nenhuma para nós... Foi quando se reali-

O guarda-redes do Covilhã assustou-se, mas Vasques é um jogador leal...

Curiosa fase de um duelo Vasques-Fornieri num Torriense-Sporting.

O futebol provoca às vezes situações mais estranhas...





Foi assim que começou uma jogada que vários fotógrafos fixaram, no último Belenenses-Sporting. A bola foi centrada (foto em cima) e para ela saltaram Vasques e Ramin. Vasques conseguiu cabecear o esférico, mas no último momento, com um extraordinário golpe de rins, Ramin conseguiu blocá-la. Compare-se a foto em baixo com a da nossa capa, de autoria de José Monteiro.



zou aquele Belenenses-Sporting, que decidiu um título, que os «azuis» não adquiriram por termos empatado.

— Perfeitamente. Foi no campeonato de 1954-55.

— Exacto. Tínhamos negócio praticamente fechado com um estabelecimento de Belém para a venda de um frigorífico. No outro dia, telefonaram-nos a anular o negócio!

A ESTREIA DE VASQUES NO SPORTING e NA SELECÇÃO

Reatando o fio à meada, Manuel Vasques evocou a seguir os primeiros tempos no Sporting:

— Fiquei no Sporting a ganhar 600\$00 por mês. Estreei-me no clube num jogo particular efectuado em Setúbal e que empatámos a uma bola. Depois, fiz um jogo na reserva, a interior esquerdo, e só a seguir me estreei oficialmente na 1.ª categoria, justamente contra a CUF, tendo marcado um golo.

Evocar o que foi depois a carreira de Manuel Vasques seria «um nunca mais acabar...»

Passámos, sem delongas, à sua estreia internacional — que Vasques referiu desta forma:

— Estreei-me na selecção em Madrid, no célebre jogo dos «quatro em linha»... e um à boa vida que era eu! Como eu era o mais novinho fui destacado para a «terra de ninguém», como se eu «sózinho» e sem calo indispensável nestas andanças pudesse assegurar a ligação entre a defesa e médios, todos recuados, que os avançados espanhóis não eram para graças, e os quatro à frente, à espera da bola...

O BENFICA INSISTE!

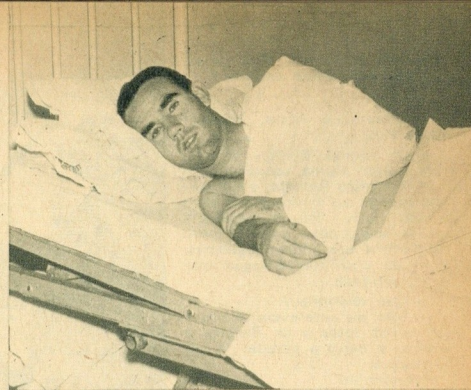
Vasques tornou-se um grande jogador. Inquirimos com curiosidade:

— Depois que ingressou no Sporting, nunca mais tentaram transferi-lo para outro clube?

Vasques fotografado na cama do hospital, onde esteve internado devido a fractura de clavícula.

Suspense!

Golo de Portugal contra a Itália!



Cerqueira e Vasques num despi-que pela posse da bola.

Com surpresa nossa, Vasques narrou-nos:

— O próprio Benfica insistiu mais tarde. Numa conversa com o sr. Francisco Retorta, ele disse-me que se eu quisesse iria para o seu clube. Na transferência estaria englobado também Pinto Machado e uns tantos jogadores, além de uma compensação material avultada.

— Que respondeu?

— Não me interessou, claro. E daí talvez fosse o sr. Retorta a «lançar o barro à parede», a ver se pegava...

Acrescentou:

— Também numa Taça Latina disputada em Espanha, houve um dirigente local que me fez várias perguntas sobre quanto ganhava em Portugal, acabando por me perguntar se me interessava passar umas temporadas em Espanha. Recusei.



MISCELÂNIA

O questionário prosseguiu sob outro aspecto:

— Qual foi o seu melhor jogo de sempre?

— É difícil dizer. Lembro-me de dois realmente bons — um em Portugal e outro no estrangeiro. O primeiro foi no Porto, no Norte-Sul, que serviu de exame para a selecção e quando estava em moda a polémica acerca da minha rivalidade com Araújo. Enchi-me de brios e joguei de facto de molde a convencer os nortenhos que valia alguma coisa. Marquei até três golos.

— E o outro jogo?

— Foi contra o Atlético de Madrid, quando vencemos por 6-3. Até «olés» es-cutei!...

— O seu melhor golo?

— Há um que não esqueço. Foi quando o Sporting ganhou o campeonato, graças à nossa vitória no Barreiro. Vencemos por 2-1, sendo eu o autor do golo da vitória.

— Mas o mais espectacular...

— Talvez um que marquei ao Vitória de Guimarães. Lancei-me no ar, e de cabeça atirei a bola para as redes. Cai de bruços e quando olhei para cima vi um pé enorme sobre a minha cabeça, que parecia ir esmagar-me. Era o Teixeira (antigo internacional do enfica), surpreendido com o meu voo, ficou espedaçado...

— E o jogo mais triste?

— Aquele em que fracturei a clavícula.

— Quais os médios mais difíceis de «passar»?

— De todos, o médio esquerdo da selecção alemã. Dos portugueses, Francisco Ferreira e actualmente Monteiro da Costa.

— Quantas épocas pensa ainda jogar?

— Duas, pelo menos!

— Que fará depois?

— Dedicar-me-ei mais à Cofril, que o futebol rouba muito tempo agora...

E concluiu:

— Mas enquanto o Sporting achar que o «Malhoa» lhe faz jeito, ter-me-á ao seu serviço!

No próximo número:

A história do campeão de xadrez, DURÃO

— o mais viajado desportista português em 1957!



"CRÓNICA DESPORTIVA"

- O MAGAZINE QUE SE COLECCIONA COM PRAZER!

... E o prazer de coleccionar a CRÓNICA DESPORTIVA é compreensível. Assenta, entre outras razões, nas seguintes:

★ É um repositório sugestivo de imagens e curiosidades de desporto nacional e estrangeiro.

★ De um modo geral, a matéria publicada não perde interesse, com o rodar do tempo. Relê-se com agrado em qualquer dia da semana, do mês ou do ano.

★ Apresenta uma série considerável de assuntos que só numa revista impressa em rotogravura podem ser valorizados, como os artigos sobre filatelia, argumentos ilustrados de filmes desportivos, e outras novidades que iremos publicando.

★ Insere bem documentadas biografias de jogadores, contadas por eles próprios, profusamente ilustradas e com muitos pormenores inéditos.

★ As capas a cores e a apreciada galeria de internacionais de futebol.

Neste número:

DOCUMENTÁRIO
DOS JOGOS
SPORTING - BELENENSES

